

5

CONCLUSÃO

O humanismo ao inserir o método crítico nas ciências religiosas, pondo em dúvida a autoridade da *vulgata* latina, apresentou as Escrituras sob a luz de uma nova fé, que tinha na exaltação do livre poder da razão e da experiência do homem no mundo o seu centro. Convicto da dignidade de sua curiosidade investigativa, Pico Della Mirandola, por exemplo, como já vimos, chegou a pensar que uma parte importante da revelação escapara à Igreja até então, e para complementá-la, foi direto à tradição oral judaica, a cabala. Lefèvre D'Étaples e Erasmo, a partir de seus estudos de grego e hebraico não hesitaram em ignorar ou corrigir a *vulgata*, a fim de vivificar a palavra divina. Prisioneira de uma venerável tradição, ela agora agiria diretamente sobre o coração dos homens, inspirando-lhes a essência do verdadeiro cristianismo, definido pelos ensinamentos mais simples do Cristo, a caridade, a piedade, a tolerância, que levariam à transformação espiritual dos homens, signo de sua ascensão, garantida pela força de seu livre arbítrio.

Os humanistas de uma maneira geral foram muito mais religiosos do que se costuma crer, porém, em sua exaltação do poder da razão humana, foram, antes de tudo, espíritos independentes¹. Redescobrimo a Antiguidade e relacionado os valores da cultura pagã à tradição cristã, seu pensamento e sua religiosidade evoluíram fundamentalmente para uma concepção demasiado otimista do homem. Podemos apreciá-la, por exemplo, na *Theologia Platônica* de Marsílio Ficino, no esforço de Pico pela conciliação entre os ensinamentos da Igreja e todas as demais doutrinas, enquanto sinais da grandeza do impulso humano para o divino e ainda, no deísmo tolerante dos habitantes da *Utopia* de Tomas More, tão avesso à corrupção do espírito cristão de seu tempo. O cristianismo humanista aspirando a uma religião simples, vivida e evangélica, era, por essência, adomático². Aversa a cerimônias

¹ DELUMEAU, J., op. cit., p. 79.

² Ibid., p. 81.

supersticiosas ou farisaicas e embebido do moralismo dos antigos, a verdadeira religião de Jesus, como afirmou Erasmo em uma de suas cartas, não era outra coisa que “*uma verdadeira e perfeita amizade*”³. A filosofia de Cristo marca definidora do novo cristianismo humanista, ao centrar o sentimento religioso no mundo, na razão humana em seu exercício constante, em seu livre impulso para o bem, corria o risco, em sua evolução, de desencarnar o cristianismo, de secularizá-lo, por sua estreita associação com a cultura pagã. Como destaca Jean Delumeau⁴, havia para Erasmo um aspecto completamente mitológico no cristianismo, tal como podemos ver na audácia que pratica em seu colóquio *O Naufrágio*⁵ “*Antigamente, era Vênus quem assegurava proteção aos marinheiros; não na dizem nascida no mar? Ela cessou suas funções. No lugar dessa mãe que não era virgem, colocaram uma Virgem que era mãe.*”

Em *O Anticristo* de Nietzsche, Lutero é apresentado como pai da filosofia idealista alemã⁶, que o filósofo tanto repudia enquanto negadora da vida, falseadora da realidade e castradora da potência humana, ao reafirmar uma fé ardorosa que despreza o homem e o mundo. Nietzsche insiste que o reformador alemão, em sua religiosidade rústica, inteiramente espiritual e abstrata, tendo no exercício do poder humano a expressão do pecado, contribuiu para impedir na Europa a última grande colheita de cultura que foi possível alcançar, ou seja, a grande *transmutação dos valores cristãos da Renascença*⁷: “*Lutero restabeleceu a Igreja: atacou-a... A Renascença converteu-se num acontecimento desprovido de sentido, num eterno em vão*”⁸.

Como já vimos, a discussão sobre o livre arbítrio entre Erasmo e Lutero foi um dos marcos mais importantes da dissolução do movimento reformador humanista. Doravante, a ambiência ideológica européia já não mais seria dada pelo impulso de valorização da ação humana, numa reforma conciliatória e pacífica, mas, ao contrário, estaria dominada pelo avanço das ortodoxias religiosas e pela intolerância. Os próprios humanistas, partidários, sobretudo, da paz e do consenso, passariam a ser

³ Apud Ibid., p. 82.

⁴ Ibid.

⁵ ERASMO, *O Naufrágio*, Apud Ibid.

⁶ NIETZSCHE, F., *O Anticristo*, p. 24.

⁷ Ibid., p. 129.

⁸ Ibid., p. 130.

mais cautelosos em suas críticas à Igreja, com receio de fomentar mais conflitos. No novo panorama da reconquista católica e do estabelecimento de novas e variadas seitas protestantes, não havia mais lugar para a religiosidade humanista, baseada num impulso crítico que não se comprometia com a ruptura com a tradição, mas minava por dentro e de forma pacífica os princípios da ortodoxia católica, sob a revivescência dos valores fundamentais da cultura Antiga. Contudo, é importante lembrarmos que o humanismo também preparou a Reforma, contribuindo para o regresso à bíblia e chamando a atenção para uma religião interior, criticando a importância da hierarquia, do culto e das cerimônias. Lutero seguiu o exemplo de Erasmo, aprofundando seus conhecimentos de grego e hebraico para a tradução da bíblia em alemão, conquanto a natureza de sua fé o levasse a uma experiência de subjetividade radicalmente diversa e antihumanista.

O debate travado por Erasmo e Lutero, reconhecido na riqueza de suas questões, deve ser aqui objeto de uma breve reconsideração, com o objetivo de redimensioná-lo tanto do ponto de vista de seus resultados e conseqüências, quanto do método e caráter dos interlocutores. A violência, por exemplo, com que Lutero escreve o *Du Serf Arbitre*, tida, não raro, apenas como deflagradora dos conflitos e das guerras religiosas, pode ser considerada, segundo aponta Bainton⁹, como salvadora do Papado. O perigo luterano, expresso na rispidez de suas inventivas, forçou os Papas a convocarem um concílio, impedindo, assim, que Roma se tornasse mais uma cidade-estado italiana, coisa que parecia preste a acontecer na época do Renascimento. A violência, o radicalismo de Lutero despertou a consciência religiosa da Europa trazendo resultados benéficos não só para o mundo protestante como para a reforma católica.

Mas, de todo modo, como bem nos lembra ainda Bainton¹⁰, “*Lutero não era tão violento nem Erasmo tão amável como geralmente se supõe*”. Lutero não concordava com o uso da força em nome da religião, seu excesso se limitava às palavras. A liberdade religiosa que afirmava era de ordem puramente interna e espiritual e jamais se justificaria numa atitude de rebelião contra o imperador. Na

⁹ BAINTON, R. H., op. cit., p. 353.

¹⁰ Ibid., p. 354.

ocasião da revolta dos camponeses, quando estes irromperam em saques e pilhagens dos claustros e dos campos, o reformador alemão incitou os príncipes à sua repressão violenta justamente por discordar da violência. As guerras religiosas, em uma palavra, não tiveram sua origem em Lutero, mas sim, nos seus discípulos que ele foi impotente para controlar, ainda que tivesse regressado de Wartburg para Wittenberg com esse fim, ao tempo em que Carlstadt liderava o movimento. Erasmo, por outro lado, nem sempre fora tão amável. Ainda que insistisse no *Essai sur le libre arbitre* em que o debate devesse ser conduzido com civilidade, evitando a rudeza, o tom ofensivo e destruidor, não deixava, contudo de ser cortante¹¹: “quando Erasmo acertava com uma seta oblíqua de ironia, a vítima podia preferir torcer-se em silêncio, a revelar com uma réplica como tinha sido afectada e ferida profundamente.”

Não é tão simples definir qual das duas estratégias foi a mais amável, mas é certo que a religião erasmista, ainda que branda, conduziu às medidas drásticas dos sacramentários Zwinglio, em Zurique, e Ecomlapádio em Basiléia, que vinham para deitar por terra de forma violenta os sacramentos e as cerimônias. Ambos consideravam Erasmo como seu progenitor ainda que o humanista os rejeitasse como filhos. Mais tarde diante da evolução dos acontecimentos ele iria, como já vimos, se posicionar de maneira mais conservadora, evitando as críticas que pudessem aguçar mais os conflitos. Pode-se dizer que, de maneira geral, o modo como Erasmo em suas obras desferia suas críticas mordazes à Igreja contribuiu mais do que Lutero para lançar o descrédito sobre a vida monástica e a tradição católica.

O embate sobre o livre arbítrio, enfim, e a título de conclusão, se define para nós, antes de tudo, como o confronto entre duas experiências de subjetividade radicalmente diversas, mas características da época do Renascimento, surgidas de um mesmo impulso generalizado de interiorização da fé, que nos leva a reconsiderar a problemática das relações entre o humanismo e as reformas religiosas. Ambas possuem conseqüências e resultados inesperados e de longo alcance, influenciando de maneiras variadas sobre a formação do mundo moderno. Mais que isso, como afirma

¹¹ Ibid., 355.

Georges Lagarrigue¹², a importância histórica do debate vai muito além da consideração do embate entre posições confessionais e doutrinárias opostas, se funda no reconhecimento de que ele se constitui numa questão universal e permanente, constitutiva da consciência moral e ética da humanidade.

¹² LAGARRIGUE, G., op. cit., p. 09.